

COMUNICAÇÃO SOBRE A MORTE PARA CRIANÇAS: ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO

Luciana Parisi Martins Yamaura¹; Fulvia de Souza Veronez²

RESUMO

Culturalmente, a comunicação da morte tem sido representada de maneiras diversas, o que parece originar consequências na organização de recursos para lidar com as perdas, principalmente pelas crianças. A presente pesquisa teve como objetivo levantar dados a respeito da comunicação sobre a morte para crianças e identificar estratégias utilizadas e recomendadas. Para tanto, foi realizada uma revisão sistemática com análise minuciosa de publicações científicas que tratam o assunto. De uma forma geral, recomenda-se a utilização de um diálogo franco e claro, através de informações verdadeiras e honestas, promovendo-se a inserção e a construção do conceito de morte, como algo natural, desde o início da infância, com um comunicador aberto para esclarecimentos de dúvidas e uma escuta sensível, que favoreça a expressão dos diversos sentimentos que acometem uma criança nesta situação. Esta interação deve ser revestida de algumas estratégias e cuidados básicos, respeitando-se as capacidades cognitivas e emocionais da criança.

Palavras-chave: Comunicação, Morte, Crianças, Psicologia.

COMMUNICATION ON DEATH FOR CHILDREN: INTERVENTION STRATEGIES

ABSTRACT

Culturally communication of death has been represented in different ways, which seems to lead to consequences in the resource organization to deal with the losses, especially by children. This research aimed to gather data about the communication of death for children and identify strategies used and recommended. Therefore, a systematic review with detailed analysis of scientific publications dealing with the matter was held. In general, we recommend the use of a frank and clear dialogue, through real and honest information, promoting the integration and construction of the concept of death as something natural, since early childhood, with a open communicator for clarification of doubts and sensitive listening, that favors the expression of diverse feelings that affect a child in this situation. This interaction should be covered with some strategies and basic care, respecting the cognitive and emotional capabilities of the child.

Keywords: Communication, Death, Child, Psychology.

¹ Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Adamantina.

² Prof.^a Dr.^a do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Adamantina.

INTRODUÇÃO

A finitude é inerente à existência de todos os seres vivos e, apesar da única certeza do homem na vida ser a morte, falar sobre ela, mesmo entre adultos, pode causar desconforto, gerar temores, angústias, medo, insegurança e resultar na esquiva a este assunto. No entanto, falar sobre a morte com crianças parece ser um pouco mais complicado. Por entender que as crianças não estão emocionalmente preparadas para abordar o tema, grande parte dos adultos não sabe como se comportar frente a esta situação, ficam ansiosos com os questionamentos da criança e sempre com medo de qual possa ser a "próxima" pergunta, acabando por desviar o assunto ou finalizar a conversa com alguma explicação sem sentido. Partindo dessa premissa, a presente pesquisa buscou realizar uma investigação minuciosa de estratégias utilizadas e recomendadas na comunicação da morte para crianças, com vistas a fornecer instrumentos facilitadores que possam contribuir para a construção de crenças adaptativas no aparato psicológico da criança.

Segundo Vendruscolo (2005), os termos morte e criança parecem contraditórios, pois a morte é, muitas vezes, visualizada como distante do universo infantil, o que torna a associação entre ambos bastante desconfortante para aqueles que se encontram diante da necessidade de dialogar sobre a morte com crianças. Além disso, o termo "morte" levanta emoções e constitui-se a partir de muitos significados, o que faz, frequentemente, com que o seu uso seja evitado na presença de uma criança (Sengik & Ramos, 2013). Assim, são contadas mentiras ou histórias fantasiosas e fabulosas para esconder uma realidade sobre a qual ela irá um dia se deparar e investigar. Kovács (2002) chama a atenção para o fato de que: "Ao não falar, o adulto crê estar protegendo a criança, como se essa proteção

aliviasse a dor e mudasse magicamente a realidade. O que ocorre é que a criança se sente confusa e desamparada sem ter com quem conversar.” (p.49)

A criança espera uma resposta do adulto, com a expectativa de que ele seja capaz de lhe esclarecer o que aconteceu. De acordo com Kovács (2012), falar com a criança sobre a morte de forma clara e natural permite a ela lidar com os medos que podem surgir pelo desconhecido, tendo a possibilidade de elucidar algumas dúvidas e mitos que lhe são transmitidos.

Para Piaget, a criança não possui nenhum conhecimento inato, mas constrói suas compreensões do mundo baseadas nas próprias experiências (Shaffer & Kipp, 2012). Dentro dessa perspectiva, o conteúdo dos seus pensamentos e, conseqüentemente, seus comportamentos são moldados pelas influências do ambiente único de cada indivíduo, podendo diferir drasticamente de pessoa para pessoa. Por isso somos diferentes.

Assim como Piaget, Watson entendia que as crianças não possuem tendências inatas e, assim como John Locke, via as crianças como uma tábula rasa a ser impressa pelas experiências. Para ele, o que elas se tornarão depende inteiramente do ambiente onde se desenvolvem e do manejo dos pais e outras pessoas importantes do seu convívio (Shaffer & Kipp, 2012). Partindo desse pressuposto, o modo como o conceito da morte lhe é apresentado ao longo do seu desenvolvimento determinará a forma como irá lidar com ele e, assim, o seu comportamento presente e futuro ao se deparar com a perda de um ente querido ou com um diagnóstico próprio que seja sombrio.

Partindo dos construtos da Teoria Cognitivo-Comportamental, a vivência da perda de alguém próximo ativa as crenças que o indivíduo tem sobre aquilo que compreende a respeito da morte, ou seja, a reação do sujeito (criança ou adulto)

dependerá, dentre outras coisas, dos protótipos previamente aprendidos e internalizados, o que irá interferir e refletir, principalmente, na alteração emocional e comportamental (Basso & Wainer, 2011). Assim, erros de pensamento levam a prejuízos nos sentimentos e, conseqüentemente, a uma resposta inadaptada do indivíduo.

Além da influência do meio ambiente, é imprescindível considerar a forte dependência entre o nível de desenvolvimento cognitivo e a capacidade de abstração da criança. Speece e Brent (1984) concentram a compreensão do desenvolvimento do conceito de morte a partir de três componentes básicos: irreversibilidade, não funcionalidade e universalidade. Do ponto de vista das estruturas cognitivas, os autores apontam que a maioria das crianças saudáveis consegue compreender estes 3 componentes entre 5 e 7 anos de idade, na transição dos períodos descritos por Piaget como pré-operatório e operatório concreto. Assim, por exemplo, a dificuldade, em crianças menores, de compreender a irreversibilidade da morte pode dificultar o processo de elaboração da perda, uma vez que a mesma ficará sempre à espera do retorno da pessoa que faleceu, podendo, inclusive, desenvolver sentimentos de abandono e rejeição.

Com a presente pesquisa, foram listadas contribuições que podem auxiliar os adultos a abordarem o tema da morte, com as crianças, com mais naturalidade e clareza, para que, desde cedo, elas possam construir crenças adaptativas para enfrentar situações de perdas, pois segundo Lima e Kovács (2011, p. 404): “Considerar a morte como possibilidade pessoal é tarefa do ser humano, que se inicia já na infância.”

MÉTODO

Para atingir os objetivos propostos, foi realizado um estudo bibliográfico sistematizado, com vistas a compreender as estratégias utilizadas e/ou recomendadas no momento da comunicação sobre a morte com crianças.

Segundo Barros e Lehfeld (2007, p. 85), “a pesquisa bibliográfica é a que se efetua tentando-se resolver um problema ou adquirir conhecimentos a partir do emprego predominante de informações advindas de material gráfico, sonoro e informatizado.”

Dentro desse estudo, a revisão utilizou-se de uma avaliação sistemática dos dados. Assim como outros tipos de estudo de revisão, a sistemática é uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema, possibilitando um arranjo resumido das evidências relacionadas a determinada estratégia de intervenção, através da aplicação de meios sistematizados de busca, análise crítica e síntese da informação selecionada (Mancini & Sampaio, 2007).

Segundo Galvão, Sawama e Trevizan (2004, p.550), esse tipo de pesquisa:

(...) tem como princípios gerais a exaustão na busca dos estudos analisados, a seleção justificada dos estudos por critérios de inclusão e exclusão explícitos e a avaliação da qualidade metodológica, bem como a quantificação do efeito dos tratamentos por meio de técnicas estatísticas.

Em cumprimento aos princípios da pesquisa, foram levantados dados de publicações científicas que incluíram os descritores: morte, comunicação da morte, luto, perda, crianças, família, em bases de dados eletrônicas como Scielo, Bvs-Psi e Lilacs.

Foram analisados trabalhos que apresentaram os seguintes critérios de inclusão:

- a) Publicações de 2000 a 2015;

b) Trabalhos que indicavam estratégias de comunicação sobre a morte prévia da própria criança, bem como a morte póstuma de parentes e pessoas próximas.

Após a leitura, na íntegra, das publicações selecionadas, foi empregada análise temática dos conteúdos dos artigos, com a finalidade de identificar temas predominantes na ligação entre os objetivos e o método a ser empregado. Os dados obtidos receberam tratamento estatístico e foram analisados com base na literatura.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por se tratar de um tema ainda tão encoberto e tido até hoje como um tabu, houve dificuldade em encontrar publicações que apontassem estratégias utilizadas na comunicação sobre a morte para crianças. Na busca, ao contrário do que se esperava, chamou a atenção o fato de que a maioria dos artigos utilizados se refere à comunicação da possibilidade da própria morte da criança e não a de um ente querido, conforme pode ser observado na tabela 1. Talvez isso se deva ao fato da comunicação prévia da própria morte da criança se tratar de uma ocorrência que acarreta uma dupla dificuldade: a do próprio adulto em aceitar o diagnóstico e a de comunicar a terminalidade à criança, tornando essa temática alvo de maior interesse dos pesquisadores.

Tabela 1 - Temática abordada

Temática abordada	Nº de artigos	Porcentagem
Possibilidade da própria morte	9	53%
Morte de um ente querido	7	41%
Possibilidade da própria morte e de um ente querido	1	6%

Através da consulta dos descritores já citados, foram encontrados 49 trabalhos. Dentre esses, apenas 17 atenderam aos critérios de inclusão e foram avaliados pelas pesquisadoras. Foram excluídos 32 estudos, pois não obedeceram aos requisitos determinados.

Mesmo a busca tendo sido realizada em bases de dados eletrônicas com uma grande diversidade de conteúdo (como Scielo, Bvs-Psi e Lilacs), a única modalidade científica que se aplicou aos interesses da presente pesquisa foi o “artigo científico”, não tendo sido encontrada nenhuma monografia, tese ou dissertação que se enquadrasse dentro do período estipulado (2000 a 2015) para a coleta de dados.

A Tabela 2 mostra a caracterização dos trabalhos encontrados:

Tabela 2 - Caracterização dos trabalhos levantados no período de 2000-2015

Publicações		Nº de artigos	Porcentagem
Ano de publicação	2000-2007	5	29%
	2008-2015	12	71%
Modalidade científica	Artigo Publicado	17	100%
Método de estudo	Entrevista	4	23,5%
	Estudo de caso(s)	4	23,5%
	Revisão de literatura	8	47%
	Análise documental	1	6%
Área de atuação do autor principal	Psicologia	11	64,5%
	Enfermagem	4	23,5%
	Teologia e Tanatologia	1	6%
	Língua e Literatura Portuguesa	1	6%

Um ponto importante a ser destacado é que a maioria dos documentos utilizados possui data de publicação recente, o que pode indicar um crescente interesse na investigação do enunciado em questão, acompanhado de uma progressiva

desmistificação do mesmo, principalmente no que diz respeito à Psicologia, que compõe a maioria (64,5%) da área de conhecimento dos trabalhos encontrados.

É notável, também, o envolvimento da Enfermagem na temática estudada, pois além do seu crescente interesse na compreensão e esclarecimento do conteúdo explorado, a sua ampliada relação com o mesmo também tem sido alvo de estudo de Psicólogos.

Com relação à metodologia aplicada nos estudos, 47% utilizou-se da revisão de literatura, forma investigativa muito importante na análise do conteúdo proposto, tendo em vista que se caracteriza, conforme a definição de Marconi e Lakatos (2003, p. 248) por “uma síntese, a mais completa possível, referente ao trabalho e aos dados pertinentes ao tema, dentro de uma sequência lógica.”

Houve também uma quantidade razoável de produções que fizeram uso da entrevista e do estudo de caso(s), compreendendo cada uma delas 23,5% da metodologia empregada nos trabalhos selecionados, ambas de grande contribuição para alcançar a finalidade proposta, pois proporcionam a obtenção de dados a partir da análise do ponto de vista e compreensão dos sujeitos envolvidos na condição estudada.

É interessante apontar que a pesquisa que se utilizou da análise documental como método de investigação foi produzida por uma Professora Doutora da área científica de Língua e Literatura Portuguesa da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Portalegre, em Portugal. Para tanto, a mesma avaliou a forma em que três álbuns para crianças tratam o tema da morte, dando particular atenção à articulação intersemiótica entre texto e imagens.

De acordo com o exame detalhado dos trabalhos selecionados, observa-se a existência de diversas estratégias recomendadas na comunicação sobre a morte para crianças, conforme apontado nas tabelas 3, 4 e 5:

Tabela 3 - Estratégias utilizadas/recomendadas, encontradas nos estudos relacionados à comunicação da possibilidade da morte da própria criança

Autores e ano	Título	Estratégias recomendadas
Melo e Valle (2004)	A criança com câncer em iminência de morte: revisão de literatura.	Manter-se aberto à intercomunicação e à escuta para que a criança sinta-se amparada e protegida. Incentivar a comunicação real com os pais, no sentido de compreendê-la como um indivíduo que vive e não somente como aquele que vai morrer. Estimular a criança a compartilhar seus sentimentos para que haja possibilidade de elaborar seus medos.
Pinto e Veiga (2005)	A morte no início da vida.	Conhecer o modo como a criança tem o conceito da morte; proporcionar um diálogo sereno sobre a morte no seio da família e da escola; a morte deve ser encarada como um processo natural, através da verdade.
Poles e Bousso (2009)	Morte digna da criança: análise de conceito.	A comunicação deve ser aberta, clara e objetiva, através de informações verdadeiras e honestas; explicar sobre os detalhes da doença, tratamento e cuidados de forma simples e acessível; permitir o envolvimento da criança nas decisões, quando possível.
Almeida e Santos (2013)	Câncer infantil: o médico diante de notícias difíceis – uma contribuição da psicanálise.	Validar as emoções que aparecem nas conversas, permitir que o paciente as expresse de modo que as necessidades e dúvidas apareçam e possam ser reconhecidas e esclarecidas. Proporcionar uma escuta capaz de fornecer continência ao que a criança sente e aos desabafos e questionamentos da mesma, nem sempre realizados de forma hábil e apropriada.
Färber (2013)	Tanatologia clínica e cuidados paliativos: facilitadores do luto oncológico pediátrico.	Oferecer apoio, aconselhamento, escuta e suporte emocional; ouvir com empatia; pegar no colo, afagar e fazer contato tátil; contar, ouvir e criar histórias para ressignificar acontecimentos e sugerir interpretações para a vida.
Souza et al. (2013)	Morte digna da criança: percepção de enfermeiros de uma unidade de oncologia.	Valorizar as dúvidas e as questões das crianças, permitindo que falem, perguntem e esclareçam aspectos obscuros para elas. É importante, também, que o profissional que lida com elas esclareça e explique procedimentos e condutas a serem seguidas.
Aquino, Conti e Pedrosa (2014)	Construções de significados acerca do adoecimento e morte nas narrativas de crianças com câncer.	Dirigir maior atenção à forma como as crianças falam do seu adoecimento e da subsequente possibilidade de morte no decorrer do tratamento oncológico. Utilização da composição narrativa para a criança ordenar e elaborar experiências tão desestruturantes, para que possam ser configurados e compartilhados sentidos acerca do que está acontecendo em sua vida. Para isso, organizar e manter espaço lúdicos em que a criança possa, através da escuta sensível de um profissional, falar de suas experiências com a doença.
Lanza e Valle (2014)	Criança no tratamento final contra o câncer e seu olhar para o futuro.	Promover a comunicação entre a equipe de saúde, a família e a criança, sendo esta informada sobre seu próprio tratamento, após confirmado seu diagnóstico, de maneira adequada ao seu nível de compreensão. Atentar às significações atribuídas pela criança aos diversos aspectos que envolvem esse tratamento (hospitalização, quimioterapia, cirurgia, possibilidade de cura etc).
Toma, Oliveira e Kaneta (2014)	Comunicação de prognóstico reservado ao paciente infantil.	Adotar uma postura enfática de empatia, falar sobre a morte de maneira franca e clara e fornecer as informações, levando em consideração a compreensão da criança a respeito de seu quadro clínico, maturidade emocional e cognitiva e fatores culturais da família. Atentar e validar as emoções do paciente, que deve ser encorajado a falar sobre seus sentimentos de medo, tristeza, solidão e culpa. A verdade não deve ser apresentada de forma cruel e espantosa e a mentira deve ser banida nesse momento. Utilização do protocolo de Spikes: priorizar um local que assegure a privacidade; perceber se o paciente compreende adequadamente o quadro clínico, oferecendo explicações se necessário; convidar o paciente ao diálogo, respeitando seu direito de saber ou não do prognóstico; preparar o

		paciente para o que ele ouvirá, falando calmamente, transmitindo informações aos poucos; ouvir o paciente e procurar identificar e acolher as emoções; verificar o que foi compreendido, resumir as informações e oferecer oportunidade para dúvidas e esclarecimentos.
--	--	---

Tabela 4 - Estratégias utilizadas/recomendadas, encontradas nos estudos relacionados à comunicação da morte de um ente querido da criança

Autores e ano	Título	Estratégias recomendadas
Tada e Kovács (2007)	Conversando sobre a morte e morrer na área da deficiência.	Comunicar à criança o falecimento de um ente querido, tendo como linhas-mestras a concepção que ela tem sobre a morte. Estar atento às perguntas que a criança fizer e detectar os seus sentimentos, compartilhando e trabalhando, dessa forma, a dor pela perda.
Franco e Mazorra (2007)	Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor.	Necessidade de alguém exercer o papel de continente para os sentimentos da criança; deixar claro que, embora o lugar do genitor morto esteja vago, este não é e não poderá ser da criança (para evitar o sentimento de culpa).
Anton e Favero (2011)	Morte repentina de genitores e luto infantil: uma revisão da literatura em periódicos científicos brasileiros.	A comunicação com a criança deve ser aberta, favorecendo um espaço de escuta e expressão dos sentimentos. O autor aponta, ainda, a relevância do atendimento psicoterapêutico à criança e aos seus cuidadores.
Lima e Kovács (2011)	Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança.	O comunicador deve ter fortes laços de afetividade com a criança; ser bom ouvinte; promover uma comunicação aberta e adequada aos níveis de compreensão da criança; permanecer atento às comunicações verbais e não verbais da mesma; deixar a criança dar o tom e estabelecer o ritmo da conversa; servir-se de elementos facilitadores (literatura, desenhos etc.); promover a participação da criança nos rituais, com consentimento e informação; trabalhar as suas fantasias com relação à morte, principalmente as de culpa e as de um possível retorno da pessoa morta; possibilitar a expressão não só da tristeza, mas também de sentimentos como raiva, desamparo e medo; ajudar a formar e a manter uma imagem de seu ente querido, por meio da recordação de experiências vividas; buscar apoio de toda a rede de relacionamento social.
Mendes (2013)	A morte dos avós na literatura infantil: análise de três álbuns ilustrados.	Abordar o tema de forma honesta e sem subterfúgios, respeitando a capacidade de compreensão da criança e o seu nível de maturação psicoemocional; abordar o tema de forma natural e permitir que a criança expresse emotivamente a sua dor; utilizar a literatura infantil como um precioso instrumento pedagógico.
Salvagni, Savegnago, Gonçalves, Quintana e Beck (2013)	Reflexões acerca da abordagem da morte com crianças.	O conceito deve ser abordado a partir da irreversibilidade, não funcionalidade e universalidade, respeitando a capacidade cognitiva da criança, sua idade, o contexto social e cultural, suas emoções e experiências de perdas; dialogar sobre a morte de forma franca; permitir a criança expressar seus sentimentos; mergulhar no mundo imaginativo da criança; usar palavras e experiências que possam ser compreendidas e assimiladas pela criança; utilizar a linguagem da criança e recursos lúdicos; abordar o tema na escola, criando espaços em que estejam presentes a escuta, o acolhimento, a reflexão, o esclarecimento e expressão de sentimentos; realizar encaminhamento a profissionais especializados, quando necessário; abordar o assunto desde cedo; dar informações acompanhadas de reflexões e explicações.
Sengik e Ramos (2013)	Concepção de morte na infância.	Pontuar a irreversibilidade da morte, explorar e tentar responder às perguntas das crianças, utilizar diálogo simples e claro, usar a palavra morte, com todo o significado que ela carrega.

Tabela 5 - Estratégias utilizadas/recomendadas, encontradas em uma pesquisa que retrata um caso de morte de um ente querido e outro da possibilidade da morte da própria criança.

Vendruscolo	Visão da	Considerar o que é esperado em termos de habilidades e
-------------	----------	--

(2005)	criança sobre a morte.	competências para cada faixa etária; esclarecer que a morte é parte da vida.
--------	------------------------	--

Como pode ser verificado na análise dos dados relacionados nas tabelas 3, 4 e 5, de uma maneira geral, a maioria dos autores citados apresenta alguns pontos de intersecção nas estratégias sugeridas na comunicação sobre a morte para a criança, seja ela própria ou de um ente querido.

O diálogo deve ser franco e claro, através de informações verdadeiras e honestas. A literatura sugere, também, que o comunicador se mantenha aberto para esclarecimentos de dúvidas e promova uma escuta sensível, que favoreça a expressão dos sentimentos da criança, compartilhando essas emoções de forma empática, para que o luto possa ser elaborado. É ressaltado, ainda, que a comunicação deve ser feita respeitando-se a capacidade de compreensão da criança a respeito da morte, utilizando-se uma linguagem adequada à sua idade e maturidade cognitiva e emocional.

Apesar da importância do significado e sentido do conceito de morte ser inserido e construído como algo natural, desde o mais cedo possível, não foi encontrado um pareamento de como este tema pode ser abordado com uma criança de acordo com a sua faixa etária.

Talvez isso se deva ao fato de que cada criança possui a sua individualidade e suas particularidades, o contexto ambiental no qual cada uma está inserida é variado, assim como a relação com a pessoa falecida e/ou consigo mesma. Por esse motivo, fica inviável a formulação de um modelo fixo de como este conceito pode ser inserido no cotidiano de um ser tão pequeno, mas que vivencia situações tão diferentes dos seus semelhantes em idade.

Quando a criança se encontra frente a uma situação de perda, Batistelli (2010) aponta que, de um modo geral, um luto bem elaborado é alcançado quando, aos poucos, ela percebe que é dentro da gente que as pessoas podem reviver e continuar vivas. Por isso é tão importante auxiliá-la a construir e manter dentro de si a imagem de quem se foi, lembrando-se deste com carinho e amor. Isso porque uma pessoa amada não desaparece da mente de quem a ama quando morre, ela não é simplesmente esquecida e tentar negar sua imagem para a criança, evitando falar no assunto, por mais que possa parecer o contrário, não é a solução.

Assim, é válido que as crianças percebam que na vida há perdas, querendo nós ou não e que, por mais doloroso que possa ser, elas existem, sendo, portanto, algo natural, mas nem por isso o que foi perdido precisa deixar de existir dentro de nós. Assim, ficaria mais facilitada a formulação de crenças adaptativas para lidar com estas questões, sendo todo esse processo internalizado de forma que a explanação de Tada e Kovács (2007) seja compreendida e concretizada no psiquismo de uma criança: “A vida, de acordo com Cassorla, é o maior bem que temos, mas, para vivermos bem, temos que aceitar que a morte faz parte da vida e que todos morreremos algum dia.” (p.121)

No campo da pesquisa, o aumento de publicações nos últimos anos reforça a necessidade de se direcionar às crianças mais atenção aos assuntos delas desviados, provavelmente numa ação protetiva. Atualmente os estudos têm apostado cada vez mais nos recursos que as crianças podem fazer uso para tratar de qualquer assunto, respeitados seus limites de compreensão.

Sugere-se, assim, a ampliação das buscas de forma a sempre observar possíveis estratégias de melhoramento das expectativas daqueles que serão

apresentados a uma realidade que não precisa ser tão dura, dependendo apenas da qualidade da comunicação e das condições biológicas, psicológicas e sociais.

REFERÊNCIAS

Almeida, M. D. & Santos, A. P. A. L. (2013). Câncer infantil: o médico diante de notícias difíceis – uma contribuição da psicanálise. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, v. 21, n. 1, p. 49-54. São Paulo. Recuperado em 02 out 2015: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/view/4060/3645>

Anton, M.C. & Favero, E. (2011). Morte repentina de genitores e luto infantil: uma revisão de literatura em periódicos científicos brasileiros. *Interação em Psicologia*. v. 15, n.1, p. 101-110. Porto Alegre/RS. Recuperado em 02 out 2015: <http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/16992/16423>

Aquino, A. M. de; Conti, L. de & Pedrosa, A. (2014). Construções de significados acerca do adoecimento e morte nas narrativas de crianças com câncer. *Psicol. Reflex. Crit.*, v. 27, n. 3, p. 599-606. Porto Alegre. Recuperado em 02 out 2015: <http://www.scielo.br/scielo.php>.

Barros, A. & Lehfel, N. (2007). *Fundamentos de Metodologia científica*. 3ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall.

Basso, L. A.& Wainer, R. (2011). Luto e perdas repentinas: contribuições da Terapia Cognitivo – Comportamental. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas* Rio de Janeiro, vol. 7. n° 1. Recuperado em 10 out 2015: http://www.rbtc.org.br/detalhe_artigo.asp?id=138.

Batistelli, F. M. V. (2010). Caminhos na elaboração de um luto. *J. psicanal.*, v. 43, n. 79. São Paulo. Recuperado em 22nov. 2015: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352010000200010

Färber, S. S. (2013). Tanatologia clínica e cuidados paliativos: facilitadores do luto oncológico pediátrico. *Cad. Saúde Colet.*, v. 21, n.3, p. 267-271. Rio de Janeiro. Recuperado em 10 out 2015: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-462X2013000300006

Franco, M. H. P. & Mazorra, L. (2007). Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estud. psicol.*, vol.24, n.4,p. 503-511. Campinas. Recuperado em 10 out 2015: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2007000400009

Galvão, C. M.; Sawama, N. O & Trevizan, M.A. (2004). Revisão Sistemática: recurso que proporciona a incorporação das evidências na prática da enfermagem. *Rev. Latino-am Enfermagem*, v. 12, n.3, p. 549-556. Recuperado em 02ago 2015: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n3/v12n3a14.pdf>.

Kovács, M. J. (2002). *Morte e Desenvolvimento Humano* (4ª ed.). São Paulo. Casa do Psicólogo.

Kovács, M. J. (2012). Educadores e a morte. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, v. 16, n. 1, p. 71-81, São Paulo. Recuperado em 15 out. 2015: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-8557201200010_0008

Lanza, L. de F. & Valle, E. R. M. do. (2014). Criança no tratamento final contra o câncer e seu olhar para o futuro. *Estud. psicol.*, v. 31, n. 2, p. 289-297. Campinas. Recuperado em 12 dez 2015: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2014000200013&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

Lima, V. R. de & Kovács, M. J. (2011). Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. *Psicol. cienc. prof.*, v.31, n.2, p. 390-405. Brasília. Recuperado em 15 out 2015: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000200014

Mancini, M. C. & Sampaio, R. F. (2007). Estudos de Revisão Sistemática: Um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, v. 11, n. 1, p. 83-89. São Carlos. Recuperado em 02 ago 2015: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-35552007000100013&lng=en&nrm=iso&tlng=pt.

Marconi, M. de A. & Lakatos, E. M. (2003) *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A.

Melo, L. L. & Valle, E. R. M. do. (2004). A criança com câncer em iminência de morte. *Acta oncológica brasileira*. Fundação Antonio Prudente, v. 24, n. 3, p. 671-675. São Paulo. Recuperado em 15 out 2015: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IscScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=Ink&exprSearch=487994&indexSearch=ID>.

Mendes, T. de L. F. (2013). A morte dos avós na literatura infantil: análise de três álbuns ilustrados. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1113-1127. Recuperado em 14dez 2015: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v38n4/06.pdf>.

Tada, I. N. C & Kovács, M. J. (2007). Conversando sobre a morte e o morrer na área da deficiência. *Psicol. cienc. prof.*, v. 27, n. 1, p. 120-131. Brasília. Recuperado em 22 out 2015: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

Pinto, C. B. & Veiga, F. M. (2005). A morte no início da vida. Nascer e Crescer. *Revista do Hospital de Crianças Maria Pia*, v. 14, nº 1, p. 38-44. Recuperado em 22 out 2015: <http://www.hmariapia.min-saude.pt/revista/vol1401n/A%20Morte%20no%20inicio%20da%20vida.pdf>.

Poles, K.; Bouso, R. S. (2009). Morte digna da criança: análise de conceito. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 215-222. Recuperado em 22 out: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n1/28.pdf>.

Salvagni, A.; Savegnago, S. D. O.; Gonçalves, J.; Quintana, A.M. & Beck, C. L. C. (2013). Reflexões acerca da abordagem da morte com crianças. *Mudanças – Psicologia da Saúde*. Instituto Metodista de Ensino Superior. 48-55p. Recuperado em 14 dez 2015: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/view/4070>.

Sengik, A. S. & Ramos, F. B. (2013). Concepção de morte na infância. *Psicologia e Sociedade*, vol.25, n.2, pp. 379-387. Recuperado em 14 dez 2015: <http://www.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs2/index.php/seerpsicsoc/article/view/3592/2224>.

Shaffer, D. R. & Kipp, K. (2012). *Psicologia do Desenvolvimento: Infância e adolescência* (8ª ed). São Paulo: Cengage Learning.

Speece, M. & Brent, S. (1984). Children's understanding of death: A review of three components of a death concept. *ChildDevelopment*, 55, 1671-1686.

Souza, L. F. de; Misko, M. D.; Silva, L.; Poles, K.; Santos, M. R. dos & Bousso, R. S. (2013). Morte digna da criança: percepção de enfermeiros de uma unidade de oncologia. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 30-37. Recuperado em 22 nov 2015: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342013000100004

Toma, M. D.; Oliveira, W. L. & Kaneta, C. N. (2014). Comunicação de prognóstico reservado ao paciente infantil. *Rev. Bioét.*, Brasília, v. 22, n. 3, p. 540-549. Recuperado em 14dez 2015: <http://www.scielo.br/pdf/bioet/v22n3/v22n3a18.pdf>.

Vendruscolo, J. (2005). Visão da Criança sobre a Morte. *Simpósio: Morte: Valores e Dimensões*. Capítulo III, v. 38, n.1,p. 26-33. USP. Ribeirão Preto. Recuperado em 02 ago 2015: <http://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/420/421>.

CONTATO

E-mail: luyamaura@gmail.com